

RELAÇÕES

As relações notadas entre phrases e palavras são de tres classes:

1. RELAÇÃO PREDICATIVA.
2. RELAÇÃO ATTRIBUTIVA:
3. RELAÇÃO ADVERBIAL.

I. **Relação predicativa** é a que existe entre os dous elementos cardcaes de uma proposição — o sujeito e o predicado. Exemplos:

<i>Sujeito</i>	<i>Predicado</i>
Deus	existe
O homem	é mortal
Pedro e João	amam o estudo
A lingua dos brasileiros	é a portugueza

II. **Relação attributiva** é a que modifica o substantivo e póde ser representada por uma ou mais palavras. Exemplos:

O homem.
Todas as plantas.
Agua de beber.
Este chapéo.
A phrase: *o amor tudo vence.*
O homem *que é justo.*
O livro *que escreveste.*
Socrates, *philosopho grego.*

III. **Relação adverbial** é a que modifica, limita o verbo e o adjectivo por meio de uma ou mais palavras.

Exemplos:

Jantou *como um gastronomo*.
Saiu *ás pressas*.
Julia é *perfeitamente* educada.
Educado *com apuro*.
Voltarei *ás dez horas*.

Ha um caso especial, digno de nota, entre as relações adverbias. E' a **RELAÇÃO OBJECTIVA**, que tambem modifica o verbo. Ex.:

Pedro ama a *virtude*.

O *objecto* é a palavra em que se emprega a acção do verbo, e pôde ser *directo* ou *indirecto*.

a) **OBJECTO DIRECTO** exprime a coisa *passiva* (que recebe a acção):

Antonio matou *um faisão*.

E exprime tambem uma coisa *factitiva* (producto da acção):

Escreveu *uma carta*.

b) **OBJECTO INDIRECTO** exprime a coisa em vista da qual a acção se realiza. Exemplos:

Deu um livro *a Pedro*.
Escreveu-*me*.

ADJUNCTOS

Os elementos secundarios que modificam os elementos principaes da phrase, chamam-se *adjunctos*, e são de varias especies.

1. Os adjunctos attributivos modificam o substantivo. Podem servir de attributo ao substantivo:

a) Um adjectivo. Ex.: Um soldado *crivado de settas*. Livro *util*.

b) Uma palavra ou grupo de palavras em apposição. Ex.: A vida, *este sonho que precede a morte*. Garrett, o *dramaturgo*.

c) Um substantivo com preposição. Ex.: Um cento *de lapis*. O lago *de Constança*. O dia *de juizo*. A dedicação *pela patria*. Um chapéo *para baile*.

d) Uma proposição adjectiva. Ex.: A infancia *que passou*. O homem *que vimos* (passada, visto).

2. ADJUNCTOS ADVERBIAES

Os adjunctos adverbiaes modificam o verbo e adjectivo, e são os seguintes:

a) O adverbio. Ex.: Luctou *heroicamente*. Partirei *amanhã*. *Grandemente* sabio.

b) Uma locução ou proposição adverbial. Ex.: Partirei *no dia seguinte*. Partirei *quando chegares*. Não irei, *se ficares*.

c) Um substantivo precedido de preposição clara ou subentendida. Ex.: Trabalha *para o progresso*. Caminhou *duas leguas*. Morreu *tres dias depois*. Escreve *toda a noite*. Estava *para morrer*.

d) O substantivo acompanhado de attributo e empregado no sentido absoluto. Ex.: *Feita a oração*, adormeceu. *Tendo-se occultado o sol*, acampamos.

SUJEITO

O *sujeito* pôde ser *simples*, *composto* ou *complexo*.

1. **Sujeito simples** é representado por um substantivo, pronome, infinitivo ou palavra substantivada.

Exemplos:

A vida é breve.
Viver é necessario.
Eu estudo.
Assaz é um adverbio.

2. **Sujeito composto** é o que consta de dous nomes ou palavras substantivas:

O nascimento e a morte são dous termos da vida.
Eu e tu estamos bons.
Ser e não ser são cousas oppostas.

3. **Sujeito complexo** é representado por uma proposição ou citação:

Que o trabalho dá saúde é cousa certa.
Viver sem peccado é a ambição do justo.

PREDICADO

O *predicado* pôde ser *simples* ou *complexo*.

1. **Predicado simples** é o que é expresso por um simples verbo finito:

O mineral *crece*.
O homem *pensa*.
Eu *leio*.

2. **Predicado complexo** é o que se compõe de um verbo de predicação incompleta com o seu completivo necessario.

Os verbos *ser, tornar-se, parecer, poder*, não exprimem predicado completo, e por isso seriam obscuras as proposições: Pedro *tornou-se*. Elle *parece*. Nós *podíamos*. A clareza exige um completivo: Pedro *tornou-se rico*. Elle *parece francez*. Nós *podíamos estudar*, etc.

Taes verbos de predicação incompleta juntos com os completivos (*rico, doente, estudar*, etc.) constituem o **PREDICADO COMPLEXO**.

O *completivo* é *subjectivo* quando se refere ao sujeito, o que se dá ás vezes em orações passivas:

A Austria foi proclamada *nação livre*.

Quando o *completivo* refere-se ao objecto, chama-se *objectivo*:

Eu tornei o livro *mais volumoso*.

Muitos verbos accidentalmente se apresentam como de predicação incompleta, como: *ficar, fazer-se, sentir, achar-se, suppôr, considerar, ter-se, estar*, etc.

OBJECTO (1)

O *objecto* póde ser *simples, composto* ou *complexo*, e as distincções são as mesmas que já estabelecemos para o caso do **SUJEITO**.

(1) O *objecto*, como já vimos, é um caso de *relação adverbial*.

Exemplos:

Objecto simples	{	Amo a <i>justiça</i> . Amo o <i>justo</i> . Desejo <i>viajar</i> .
Objecto composto	{	Amo a <i>justiça e a clemencia</i> . Amo os <i>justos e os clementes</i> . Quizera <i>ler e escrever</i> .
Objecto complexo	{	Sei <i>como estudas</i> . Creio <i>que estás zombando</i> . Vi <i>chover pedras</i> .

CLASSIFICAÇÃO QUANTO AO SENTIDO

As proposições simples classificam-se também, quanto ao sentido, em:

Positivas — aquellas que affirmam a realidade de um facto: *Carlos morreu*.

Negativas — aquellas que affirmam não ser o facto real: *Carlos não morreu*.

O termo *positivo* é preferível a *affirmativo*, diz Rorsch, porque este ultimo convém á negação logica.

Dividem-se ainda as proposições simples, quanto ao sentido, em:

Enunciativas — quando apenas indicam o facto: *Carlos morreu*. *Carlos não morrerá*.

Interrogativas — quando interrogam: *Morrerá Carlos?*

Optativas — quando exprimem desejo da realização do facto: *Viva Carlos!*

Imperativas — quando exprimem uma ordem da pessoa que fala: *Ide; voltae o mais depressa possível*.

Exclamativas — quando encerram uma *exclamação*, um sentimento de entusiasmo, de admiração ou respeito: *Sublime! Como é sublime!*

Analyse logica — Proposições

As proposições são de tres especies: *simples*, *compostas* e *complexas*.

1. PROPOSIÇÃO SIMPLES

Proposição simples é a que se compõe unicamente do sujeito e do predicado. Exemplos:

Deus é omnipotente.

O poder de Deus é illimitado.

Alguns animaes vivem á custa dos outros.

Os peixes respiram.

Julio Cesar venceu os barbaros.

2. PROPOSIÇÃO COMPLEXA

Proposição complexa é a que, além de possuir o sujeito e predicado, contém outras proposições que lhes são subordinadas.

A *proposição complexa* contém, pois, uma proposição principal e outras dependentes. Exemplo:

O homem de que falaste, é um francez.

Decompõe-se em duas proposições, a saber:

A principal — *O homem é um francez.*

A subordinada — *de que falaste.*

As **subordinadas**, que também se denominam **clausulas**, dividem-se em tres classes: subordinadas *substantivas*, subordinadas *adjectivas*, subordinadas *adverbiaes*.

I. **Clausula substantiva** é a que tem funcção equivalente á de um substantivo. Exemplos:

Notou *que estava pallido*
(Notou a sua pallidez).
Assegurou *que eu viria*
(Assegurou a minha vinda).
Quando eu vá, é cousa incerta
(O tempo da minha ida é cousa incerta).

II. **Clausula adjectiva** é a que tem a funcção de um adjectivo, isto é, modifica o substantivo. Exemplos:

Vi o livro *que tu escreveste*
(Escrepto por ti).
Os dedos, *que são cinco*, são os orgãos mais delicados do tacto.
As palavras *que elle pronuncia* são sempre agradaveis.

III. **Clausulas adverbiaes** são as que representam uma relação equivalente á do adverbio. Exemplos:

Ficou *onde o deixaram*.
Sairei *quando todos saírem*.

As *clausulas* podem exprimir circumstancias diversas, as mesmas que constituem as classes de adverbios:

a) de tempo — Nunca mais recobrou a saude,
depois que teve a febre amarella.

- Chorei até que se esgotaram as lagrimas.
- b) de logar — Seguil-o-ei onde quer que vá.
— Conheci-o na casa em que viveu nos ultimos tempos.
- c) de gráo — E' mais instruido do que parecia (ser instruido).
— A rosa é mais bella do que a violeta (é bella).
— Quanto mais leio, mais aprendo.
- d) de causa — Quero, porque posso.
— Adoro-o, porque é Deus.
- e) de fim — Trabalhou tanto, que enriqueceu.
- f) de condição — Se commetter o crime, merecé punição.
- g) de modo — Praticou, conforme preceitúa a lei.
— Pensou como devia.

3. PROPOSIÇÃO COMPOSTA

Proposição composta é a que se compõe de varias proposições que têm a mesma funcção na phrase.

As *proposições*, n'este caso, chamam-se *coordenadas* e ligam-se entre si pela simples successão ou por conjuncções chamadas de *coordenação*.

São conjuncções ordinariamente usadas na *coordenação* as seguintes:

A copulativa <i>e</i>	}	Deus creou o homem e creou o mundo.
A adversativa <i>mas</i>		Elle estuda, <i>mas</i> não aprende.
A disjunctiva <i>ou</i>		Venha <i>ou</i> mande.
A conclusiva <i>logo</i>		Penso, <i>logo</i> existo.

As proposições coordenadas que não possuem termos de ligação, chamam-se *collateraes* ou coordenadas por juxtaposição. Exemplos:

Chegou, viu, venceu.
Amo a virtude. Detesto o vicio.

Usám-se tambem as denominações de *asyndeticas* para as coordenadas juxtapostas, e *syndeticas* para as coordenadas que possuem connectivos. Essas denominações novas nada esclarecem e nenhuma vantagem têm sobre as outras.

4. PROPOSIÇÕES CONTRACTAS

Tanto as subordinadas como as coordenadas podem ter em commum o mesmo objecto, o mesmo predicado ou sujeito, etc. São chamadas nesse caso PROPOSIÇÕES CONTRACTAS. Exemplos:

Os francezes e os russos são brancos.

{ Os francezes são brancos.
Os russos são brancos.

O livro que imaginaste e escreveste.

{ O livro que imaginaste.
O livro que escreveste.

5. PROPOSIÇÕES ELLIPTICAS

As proposições *ellipticas* são as que deixam subentender-se uma parte da phrase, que não é identicamente a mesma já expressa:

{ *Elle é mais sabto do que eu.*
Elle é mais sabto.
Que eu sou sabto.

Como se vê, a parte *eu sou sabio* subentendida é diferente da parte *é sabio* expressa.

Convém notar que não são *proposições contractas* as proposições irreductíveis á analyse. Ha casos em que, por exemplo, a predicação só é applicavel ao sujeito composto: *Pedro e Paulo são irmãos*. Esta proposição não é contracta, por isso que é indivisivel. Não se poderia decompô-la nas duas: *Pedro é irmão, Paulo é irmão*.

SCHEMA GERAL DAS PROPOSIÇÕES

I. Proposição simples

1. Sujeito: PEDRO ama.
2. Predicado: Pedro AMA.
3. Objecto: Pedro ama o ESTUDO.
4. Adjuncto: Pedro ama o estudo COM ARDOR.

O sujeito pôde ser *simples, composto, complexo*. O predicado pôde ser *simples* ou *complexo*. O objecto pôde ser *simples, composto, complexo*. Os adjunctos podem ser *attributivos* ou *adverbiaes*.

II. Proposição complexa (subordinadas)

1. Principal. O HOMEM que viste, NOTOU que estavas tremulo quando escrevias.
2. Subordinadas — clausulas:
 - a) Substantiva: que estavas tremulo.
 - b) Adjectiva: que viste.
 - c) Adverbial: quando escrevias.

III. Proposição composta (coordenadas)

1. Syndetica: Chegou e falou (conjugada).
2. Asyndetica: Chegou, falou (collateral ou juxtaposta).

— Na elaboração dos capitulos que se referem á analyse das proposições, servi-me da *English Gramm.* de Mason e do excellente trabalho do Prof. A. Alexander — *Analyse de relações.* Em alguns logares copiei-os textualmente.

Um escriptor que se occulta sob o pseudonymo de FERONIO THIAGO escreveu, em uma gazeta do Norte, alguns artigos acerca d'estes principios de analyse. Como são de interesse, aqui os transcrevemos. Em todo e qualquer systema e methodo de analyse ha sempre questões que se não resolvem, por isso que nem todas as fórmulas da linguagem podem soffrer aquella dissecção, que é apenas um recurso logico meramente util aos que aprendem. A linguagem compõe-se ás mais das vezes de illogismos, que são a sua graça idiomática e propria. Comtudo, as observações do critico são excellentes e bem fundadas, como se vae vêr:

1. "*Conjunções de coordenação* são aquellas que indicam relações que têm a mesma funcção na phrase: Vae ou volta; nem sae,*nem entra; soffre, logo está doente; quero, porque tenho dinheiro.

A' pagina 267, exemplificando *clausulas adverbias de causa*, diz o illustrado philologo: *de causa* — QUERO, porque posso.

Confrontando estes dois exemplos, com franqueza confesso minha duvida em classificar as clausulas precedidas de *porque*, como *coordenadas* ou *adverbias de causa*.

No exemplo QUERO, porque TENHO DINHEIRO, se ha razões para se considerar como *coordenada* a clausula *porque tenho dinheiro*, eu as desconheço; e, ainda mais, não sendo um caso commum *porque* como *coordenativa* (se é que o possa ser), porque o auctor não frizou em seguida este caso excepcional quando tratou das *conjunções de coordenação*, e só considerou nesta classe, gozando d'estas funcções as *copulativas, disjunctivas, adversativas e conclusivas*?

Já que deu *porque* como *coordenativa* na parte da *Classificação*, devia, quando citou estas *de coordenação*, ter incluído as *causaes*, se é que ellas podem exercer a funcção de *coordenativas*.

Ainda mais: deixou duvidas o auctor, como vimos á pagina 267, chamando *porque* de *subordinação*, e dando como *causal* a clausula *porque posso*.

Porque exprime causa, não coordena, subordina; logo, não ha razões para no exemplo QUERO, *porque* TENHO DINHEIRO, chamar-se de coordenada esta — *porque* tenho dinheiro.

A boa logica nos manda classifical-a como *causal*.

2. "A" pag. 267 (d'esta edição) tratando de *clausulas adverbias*, cita o Auctor como *clausula de fim*: *Trabalhou tanto* QUE ENRIQUECEU.

Passos, em seu "Dicionario Grammatical", tratando das *comparativas de modo*, diz á pag. 287:

"A conjunção *comparativa de modo* é precedida de *tal*, ou *taes*, *tão*, *tanto*, *tanta*, *tantos*, ou *tantas*; e *que*, representando-a, equivale á locução *de sorte que* (conjunção que corresponde a *ut* latina). Ex.: *O rio encheu tanto* QUE ALAGOU OS CAMPOS.

O verão foi tão forte QUE AS PLANTAS SECCARAM, e outros:

Por esta doutrina, são *comparativas de modo* as *clausulas*: *que alagou os campos*, no 1º ex.; *que as plantas seccaram*, 2º ex.; entretanto, nos parece mais acertada a denominação de *correlativas subsequentes* ou *adverbias de subsequencia*, exprimindo um resultado. Não achamos, pois, cabível a denominação de *fim*.

Ainda mais: Pacheco da Silva Junior (grammatico modernissimo), tratando de *clausulas adverbias*, diz á pag. 653 de sua *grammatica*, 2ª edição:

As *finaes* ligam-se á principal com as conjunções *que*, *afim de*, *afim de que*, etc. O modo é sempre o *conjunctivo*.

As *consecutivas* unem-se á principal pela conjunção *que* e o modo indicativo (correspondente ao lat. *ut* com o *conjunctivo*). Ex.: *Elle é tão sabio* QUE NÃO TEM PAR; *esta idéa é tão abstracta* QUE SE NÃO PÔDE REVESTIL-A DE IMAGENS.

Ora, as *finaes*, portanto, não são a mesma cousa que as *consecutivas*: aquellas tomam o verbo no *conjunctivo*, e são ligadas pelas conjunções *que*, *afim de*, *afim de que* e *para que*; estas são ligadas pela conjunção *que*, significando *de sorte que*, e servindo-se do verbo no *indicativo*. Assim, torna-se discutivel a denominação da *clausula* no ex.: QUE ENRIQUECEU, que, segundo o illustrado philologo, é *adverbial de fim*; segundo Passos, *comparativa de modo*; segundo Pacheco, *consecutiva*, e, segundo outros, *correlativa subsequente* ou *adverbial de subsequencia*, pelo methodo moderno, exprimindo um resultado.

Fim e resultado não são a mesma cousa, segundo *Bournouf*, que, á pag. 336, diz:

“*Ut* muitas vezes não exprime um *fim*, mas sim um *resultado*, correspondendo então ao francez, *en sorte que*, de sorte que: *Arboribus consita Italia est, ut tota pomarium videatur.* (*L'Italie est toute plantée d'arbres, de sorte qu'elle ressemble à un grand verger.*)

Portanto, no caso em questão — *trabalhou tanto que enriqueceu*, — parece-me que a *clausula* — *que enriqueceu*, não exprime um *fim intencional* (como se dissessemos — *trabalhou tanto para enriquecer* —), mas sim um *resultado* ou *consequencia de tanto ter trabalhado*.

3. “A pags. 166 e 167 (10ª edição; pag. 267 da 11ª):

Tratando o Auctor de *clausulas adverbias*, cita como *adverbial de logar*: *Conheci-o na casa EM QUE VIVEU NOS ULTIMOS TEMPOS.*”

Pacheco da Silva Junior, á pag. 526 de sua *grammatica*, diz:

“A *clausula adjectiva* acha-se em relação attributiva para com um substantivo e prende-se a elle por um pronome relativo ou *adverbio relativo* (equivalente a um pronome relativo precedido de preposição). — *Leia esta carta QUE EU ESCREVI; é esta a casa ONDE EU RESIDO (onde está por na qual).*”

Vamos á theoria do Auctor:

“*Clausula adjectiva* é a que tem a função de um adjectivo, isto é, modifica um substantivo.”

Ora, no exemplo — *conheci-o na casa EM QUE VIVEU NOS ULTIMOS TEMPOS*, parece-me que o Auctor sacrificou sua doutrina sobre *clausulas adjectivas*, porque supponho que seu exemplo de *adverbial de logar*, devia ser citado, quando tratou de *adjectivas*.

Vejamos:

— *Conheci-o na casa EM QUE VIVEU NOS ULTIMOS TEMPOS.*

Dando a função adjectiva á *clausula* — *EM QUE VIVEU NOS ULTIMOS TEMPOS* — temos:

Conheci-o na casa vivida (OU HABITADA) POR ELLE NOS ULTIMOS TEMPOS.

Onde a idéa de *adverbial de logar*?

Não resta duvida que esta idéa é attributiva, pois está qualificando o substantivo *casa*.

No exemplo de Pacheco, *onde* é um relativo e elle mesmo affirma estar empregado por *na qual*.

Onde exprime uma circumstancia de logar em outros casos como diz o mesmo Pacheco — *Onde estás que não respondes?*

Ou ainda nestes outros:

Onde ha lavoura, ha muito trabalho. Fale onde falar, não tem quem o ouça; onde ha instrucção, ha progresso.

Aqui não ha antecedente a *onde*, para que possa elle ser um relativo; mas, no caso em questão, que tambem se pôde dizer — *conheci-o na casa ONDE VIVEU NOS ULTIMOS TEMPOS, onde* aqui é relativo, pois tem o antecedente *casa*.

Logo, como toda *clausula adjectiva* é precedida de relativos, a *clausula* — *em que viveu nos ultimos tempos* não é *adverbial de logar*, e sim, o penso com muita razão, *adjectiva*.

Outra apreciação:

Se o Auctor considera a *clausula* em questão como *adverbial*, *em que* tem força *adverbial* e está modificando o substantivo *casa* (ó que vae de encontro a seus principios, pois não admite modificar o adverbio a um substantivo, si bem que esta doutrina encontre apoio em Soares Barbosa, Bastin, Bournouf e Julio Ribeiro (em sua primeira edição, 1881).

Assim, pois, para que fiquem salvas suas doutrinas sobre *adjectivas* e *adverbiaes*, acho que a *clausula* em questão é *adjectiva* e não *adverbial*.

“A’ pag. 240 (10ª edição) diz o auctor em uma nota, depois de ter tratado de *proposições contractas e ellipticas*:

“Convém observar que não são *proposições contractas* as *proposições irreductíveis á analyse*.

Ha casos em que, por exemplo, a predicação só é applicavel ao sujeito composto: *Pedro e Paulo são irmãos*. Esta proposição não é *contracta*, por isso que é indivisivel. Não se poderia decompô-la nas duas: *Pedro é irmão, Paulo é irmão*.”

Aqui dá o Auctor a entender que não é *contracta* a proposição, quando não se pôde reduzi-la.

A’ pag. 39 (da mesma edição), tratando o Auctor de *Conjunções*, diz:

“Comquanto a *conjunção* ligue sempre *proposições*, estas nem sempre são susceptíveis de resolução por meio da *analyse logica*. Assim, a *proposição contracta*: *Paris está entre*

Bruxellas e Marselha, não soffre divisão analytica em duas orações: *Paris está entre Bruxellas* e *Paris está entre Marselha*. Estas locuções só têm valor como phrase composta: são abreviaturas irresolueis.”

Orá, afinal não podemos saber qual a verdadeira *proposição contracta*, de accôrdo com os preceitos do Auctor.

Esclareçamos a questão.

Do illustrado philologo, á pag. 240, que no ex.: *Pedro e Paulo são irmãos*, esta proposição não é *contracta*, por ser irreductivel á analyse; entretanto, á pag. 39 chama de *contracta* esta: *Paris está entre Bruxellas e Marselha* (que por sua vez tambem é irreductivel á analyse).

Assim, pois, se a proposição — *Paris está entre Bruxellas e Marselha* é *contracta*, sendo irreductivel á analyse, *Pedro e Paulo são irmãos* tambem o é; d'onde se conclue que as proposições que têm em commum o mesmo objecto, o mesmo predicado, o mesmo sujeito ou a mesma relação adverbial são *contractas*, sendo umas *reductiveis á analyse*, e outras *não*.

E' o que nos parece pelas doutrinas do Auctor, citadas ás pags. 240 e 39 de sua *grammatica*, como ficou esclarecido.”

As observações do Sr. Febronio Thiago são fundadas, e já com pequenas alterações me foram feitas por outros abalizados professores da materia. Sei bem que todos os systemas de analyses suscitam difficuldades e são proverbias as questões dessa natureza. a proposito de Camões e de outros classicos torturados, não rara vez, pelos que querem tudo reduzir ao $a+b$.

I. Respeito a phrase: *Quero, porque tenho dinheiro*, não pôde aceitar o critico a theoria de que as duas proposições d'aquelle exemplo sejam *coordenadas*; primeiramente porque não classifico entre as conjunções de subordinação — *porque* — ou outra palavra semelhante; segundamente, porque o sentido é causal: “*exprime causa; não coordena, subordina*”.

A questão é meramente subtil. Porquanto naquelle exemplo o *dinheiro*, bem se vê, não é causa do *querer*, mas simples concomitancia, e d'alli se infere que o *querer* sem *dinheiro* seria um *querer inutil*, mas enfim um *querer*, pois se não supprime uma faculdade d'alma só com o haver ou o necessitar o dinheiro.

Se ha proposições cuja apparencia é de subordinação, na substancia são equivalentes, conjunctas e coordenadas. Esta apparencia é ás vezes dada pelas fórmãs grammaticaes em que entra o elemento *que*, o qual embarça, torna intrincada a analyse. Quando digo: *Existo porque me alimento*, aqui ha subordinação, porque quero indicar que a *minha existencia depende do alimentar-me*; ha, pois, nexos de causa e dependencia. Mas quando digo: *Alimento-me porque existo*, já a idéa é completamente outra, pois ninguem representaria a alimentação a depender da existencia, o que seria disparate. Apenas ahí indicam-se as duas acções conjunctas *alimentar-se e existir*, sendo a primeira o signal da outra, mas não producto d'ella. Considero, pois, coordenadas, sem embargo da molesta particula *que*, todas as phrases, como a do exemplo: *Quero, porque tenho dinheiro. Deus porque é Deus, perdoa. O fogo, pois que queima, tambem cura. Pois que já sabeis a minha vida, andae e vinde commigo*, etc.

A regra logica, em summa, é que na subordinação, a *subordinada* é sempre um pensamento SECUNDARIO e que não pôde subsistir sem o principal. Se isto se não dá, a subordinação é apenas apparente, ou, se se preferir, é meramente grammatical, mas não logica. Assim era no latim com *enim*, *nam*, *namque*, W. Botsch — *Grundriss der lateinischen Sprachlehre*, 65. Já fui censurado por incluir *porque* entre os nexos de coordenação; para não fazer de argueiro um cavalleiro, dei-me por vencido, mas não convencido. Abra-se a grammatica classica de HEYSE (pouco importa o tratar-se da lingua allemã; a questão é de logica e, portanto, de grammatica geral). *Es muss kalt sein, denn di Bäume erfrieren*, etc.; poder-se-á dizer que a geada que está nas arvores é a causa de haver frio?, quando digo: *Dorme porque não se move*, não indico que a immobilidade é causa do somno, apresento dous factos que costumam andar juntos ou coordenados. No allemão o nexos será *denn* e não *weil*; em portuguez será *porque* ou *pois que* ou *visto como*, etc.; em uma, como na outra lingua, são proposições coordenadas, segundo ensina Heyse.

II. Com respeito ao exemplo: *Trabalhou tanto que enriqueceu*. A subordinação é tanto de *fim* como é *comparativa de modo* (Passos), ou *consecutiva*, que é o mesmo que *fim* (Pacheco Junior). As classificações não se excluem, salvo quando encontradas. Tanto *fim* como *resultada*, ainda que os distinga Bournouf, convergem para o mesmo sentido logico. E a prova é que se poderá construir outras phrases syno-

nymicas d'aquella d'estes modos: *Trabalhou tanto que por fim enriqueceu*, ou *afinal* ou *finalmente enriqueceu* ou *que o fim de tanto trabalhar foi enriquecer*; pouco importa, houvesse ou não intenção no sujeito, e não é d'esta intenção supposta ou real que havemos de tirar razões para classificar as phrases, sendo que muitas vezes o sujeito pôde ser coisa incapaz de intenção.

Comtudo, a classificação de *comparativa de modo* é accetavel e tambem o é a de *resultado e consequencia* (como quer o critico, e que, ao meu ver, é a mesma cousa ou pouco se afastará da minha, que é a de *fim*) igualmente bem arra-zoada.

III. Quanto á nota 3 (clausulas adverbias) as reflexões do auctor são subteis, mas inacceptaveis. Na phrase: *Conheci-o na casa em que viveu nos ultimos annos*, a segunda proposição exprime logar onde, e é, pois, *adverbial de logar*.

Se estivesse escripto: *Conheci-o na casa que habitou*, etc., então poder-se-ia analysar: *casa habitada por elle*, etc., e dar-se a segunda proposição como meramente adjectiva. Mas, em logar de *que habitou*, está *em que habitou* ou *viveu* — e já a analyse differe. *Casa que elle habitou* não exprime logar, embora a palavra *casa* nos leve a essa illusão, por isso que indica uma posição ou local determinado. Se assim fosse, o *rio* que elle navegou; o *céo* que as aves percorrem — seriam proposições *adverbias* de logar.

E', pois, um sophisma pouco digno do talento do critico, confundir as proposições: o *céo que* as aves percorrem — com — o *céo em que* as aves adejam. O *rio que* elle navega — e — o *rio em que* elle navega. A *casa em que* viveu — e — a *casa que* habitou.

IV. A nota n. 4 censura com razão uma incoherencia que escapou em dous logares differentes d'esta grammatica, a respeito de *proposições contractas*.

A opinião que deve prevalecer é a que está em ultimo logar, e ao demais está no capitulo que trata especialmente do assumpto. A outra foi uma referencia apenas, fóra do logar devido e do capitulo da *Analyse*.

ESTUDOS COMPLEMENTARES

HISTORIA E ETYMOLOGIA.

SEMANTICA.

O conjuncto grammatical é indecomponivel. Não é possível estudar a etymologia sem a historia e semantica, nem a syntaxe sem a morphologia. A propria *phonetica* necessita a consideração de outras partes. Apenas, a conveniencia do estudo faz essas divisões de natureza duvidosa.

